

PÁGINAS PORTUGUESAS NO ROMANCE *ABENDLAND*, DE MICHAEL KÖHLMEIER*

MARIA DE FÁTIMA GIL**

Resumo: O romance *Abendland*, podendo ser considerado uma metabiografia ficcional centrada na memória, traça um complexo quadro do século XX no Ocidente, ao mesmo tempo que coloca em perspectiva o próprio trabalho de construção da narrativa biográfica. Nesta ficção da História, a panorâmica do século é desenhada a partir das memórias do matemático Carl Jacob Candoris e da sua activa participação no transcurso histórico: embora, na maior parte dos casos, ele se ache longe dos grandes centros de decisão, os lugares de que dá testemunho, sobretudo nos anos de 1930 e 1940, assumem grande relevância científica e/ou simbólica para a época. Pode parecer surpreendente que Portugal, um país periférico em termos geográficos e políticos, se encontre entre esses lugares, mas a ligação portuguesa de Candoris merece alguma atenção. Por isso, o meu trabalho pretende estudar os principais vectores da imagem de Portugal esboçada em *Abendland* — história, locais, personagens —, bem como a função que o país desempenha no romance enquanto parte relevante do grande fresco do século XX que Köhlmeier apresenta aos seus leitores.

Palavras-chave: *Abendland*; Metabiografia ficcional; Memória comunicativa; Imagem de Portugal.

Abstract: The novel *Abendland*, which can be considered a fictional metabiography centered in memory, draws a complex picture of the 20th century in the West while putting into perspective the very construction of the biographical narrative. In this fiction of History, the epoch's portrayal is based on the memories of the mathematician Carl Jacob Candoris, and on his active participation in the course of historical events: although in most cases he is far from the major centers of decision-making, the places he bears witness to, especially in the 1930s and 1940s, hold great scientific and/or symbolic relevance for the time. It may seem surprising that Portugal, a geographically and politically peripheral country, should be among these places, but Candoris's connection to Portugal deserves some attention. For that reason, my work intends to study the main vectors of the Portuguese image outlined in *Abendland* — history, places, characters —, as well as the role the country plays in the novel as a relevant part of the western 20th century great fresco that Köhlmeier presents to his readers.

Keywords: *Abendland*; Fictional metabiography; Communicative memory; Image of Portugal.

Em 2007, o escritor austríaco Michael Köhlmeier deu à estampa uma narrativa de grande fôlego, intitulada *Abendland*, que não só se tornou um *best-seller* no espaço de língua alemã, mas integrou também a lista dos dez finalistas do *Deutscher Buchpreis* desse ano. Ao longo das suas quase oitocentas páginas, esta obra de ficção centra-se

* A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

** Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) e Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Email: mfgil@fl.uc.pt. ORCID: 0000-0002-2928-0371. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04059/2020 com o identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

This work was supported by national funds through FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., under the project reference UIDB/04059/2020 and DOI identifier: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

retrospectivamente na vida de dois homens de gerações diferentes, Carl Jacob Candoris e Sebastian Lukasser, o primeiro, um matemático de 95 anos, cidadão do mundo, rico e grande amante de *jazz*, cujo percurso biográfico se confunde com a História do século XX, e o segundo, um autor de biografias paralelas, de 55 anos, convocado por Candoris para escrever o relato da sua vida. Quando se encontram, na casa de Carl, perto de Innsbruck, no ano 2000, os dois já se conhecem há muito e fica claro que a escolha de Sebastian Lukasser para desempenhar tal tarefa, mais do que resultar da sua carreira moderadamente bem-sucedida, tem que ver com a esfera dos afectos. Na verdade, o pai de Sebastian — Georg Lukasser — fora um genial guitarrista vienense de *jazz* que Candoris havia protegido, e o próprio Sebastian, desde pequeno, tinha sido tratado pelo matemático como filho adoptivo. As vidas de ambos estão, pois, intimamente ligadas e, após um longo afastamento, os problemas de saúde que os dois atravessam vêm reforçar a afeição entre eles: Candoris acha-se muito debilitado por um cancro em fase terminal, e Sebastian Lukasser acabou de ser submetido a uma operação à próstata¹. Nesta relação de proximidade entre figuras de pai e filho, reconstruída numa situação particularmente delicada, Carl está convicto de que Sebastian reproduzirá a sua vida sem delongas e de modo fiel à «verdade» que lhe transmite. O escritor, porém, não procede dessa forma. Só um ano após a morte de Candoris, numa fase de grande crise pessoal e familiar, regista no papel a sua própria perturbação existencial e as conversas havidas com o amigo exânime, escrevendo, em modo ora mais empático, ora mais crítico, um relato fragmentário e tocante da vida de ambos e de algumas personalidades que com eles se cruzaram.

Michael Köhlmeier, no subtítulo da obra, optou por chamar-lhe muito latamente «romance», deixando ao leitor a decisão sobre a tipologia romanesca que aqui se concretiza. De facto, consoante o ângulo de análise, *Abendland* pode ser integrado em vários subgéneros do romance. Pode, naturalmente, ser visto como romance histórico, uma vez que oferece um grande *fresco* dos acontecimentos do século passado, a partir da vivência e da memória das personagens². Mas também pode ser considerado um romance de família³, dado que acompanha a história de várias gerações de Candoris e de Lukasser. Por fim, pode ainda ser incluído na tradição do romance de erudito⁴, porquanto incide na vida de um matemático e na caracterização da sua época e da sua ciência. Lembremos, todavia, que a obra não se esgota em Carl Candoris e narra também o percurso de Sebastian Lukasser, o escritor responsável pela transmissão da história, para quem o trabalho na biografia de Carl se torna um

¹ Note-se que a figura de Sebastian Lukasser, escriba do tempo, volta a surgir em romances posteriores de Köhlmeier, designadamente *Madalyn* (2010) e *Die Abenteuer des Joel Spazierer* (2013).

² Sobre o romance histórico, cf. AUST, 1994.

³ Sobre o romance de família, cf. por exemplo, GALLI, COSTAGLI, *ed.*, 2010.

⁴ Sobre o romance do erudito, cf. DIETRICH, 2003.

ensejo de reflexão sobre a complexidade da escrita (auto-)biográfica. Assim sendo, a apresentação da biografia de figuras ficcionais num contexto histórico «real» e a multifacetada projecção, no próprio texto, do questionamento sobre o labor biográfico adquirem a relevância de elementos estruturantes e fazem com que a narrativa de Michael Köhlmeier se estabeleça, em última análise, como uma forma duplamente não convencional de biografia, *i. e.*, como uma obra próxima da metabiografia ficcional ou metaficção biográfica⁵.

A esta mesma conclusão chega o crítico Leonhard Herrmann, num interessante estudo comparativo entre *Abendland* e o romance *Kaltenburg*, de Marcel Beyer⁶. No entanto, se é certo que Herrmann realça as similitudes formais destes dois romances com a ficção histórico-biográfica pós-moderna, não é menos verdade que recusa subordiná-los a este tipo de tratamento literário da História. Em seu entender, *Abendland* e *Kaltenburg* põem em causa o pressuposto de que «Geschichte könne [...] nur als diskursives Konstrukt, nicht aber als Entität Gegenstand von Erkenntnis sein»⁷. Ou seja, no que diz respeito ao estatuto ontológico da História e à possibilidade da sua reconstrução, Herrmann advoga que os dois romances exibem um posicionamento diferente do da ficção meta-historiográfica. Ressalvando embora que nenhuma representação literária da História constitui a reprodução autêntica de uma «realidade» histórica exterior e que, no caso de *Abendland*, estamos perante a narrativa muito pessoal e parcial de Sebastian Lukasser, o estudioso considera ser justamente a (pre-) existência da História que cria, para ambos os romances, as condições da narração, mesmo quando esta se afirma deliberadamente subjectiva⁸.

No âmbito de tal perspectiva essencialista, Herrmann frisa ainda a circunstância de tanto *Abendland* como *Kaltenburg* lançarem mão de figuras com convicções epistemológicas e ideológicas que exemplificam o seu respectivo tempo. Na opinião deste especialista, os dois textos representam o século XX

*anhand von dessen (vermeintlich) zentralem Epistem — dem positivistischen, auf Logik und Deduktion beruhenden rationalistischen Denken. Unter Nutzung fiktionaler Darstellungstechniken machen sie die Geschichte des 20. Jahrhunderts zu einer Kulturgeschichte des wissenschaftlichen Denkens, aus dem die katastrophalen historischen Entwicklungen der Epoche abgeleitet werden*⁹.

⁵ Sobre metabiografia ficcional, cf. HUTCHEON, 1988; NÜNNING, 1995, 2000, 2002; NADJ, 2006, embora os dois primeiros autores utilizem diferentes designações para o conceito; recordeo que Hutcheon fala de *historiographic metafiction* e Nünning de *metahistoriographische Fiktion* ou *biografische Metafiktion*.

⁶ HERRMANN, 2011. Mais recentemente, o autor publicou uma nova versão deste artigo, centrando-se apenas no romance *Abendland*; cf. HERRMANN, 2021.

⁷ HERRMANN, 2011: 242.

⁸ Cf. HERRMANN, 2021: 35-36.

⁹ HERRMANN, 2011: 243.

No que toca a *Abendland*, prossegue o crítico, a condenação a que é sujeita a cultura da era da técnica não se deduz apenas da pernicioso racionalidade científico-pragmática de Carl Jacob Candoris — que se mostra excessiva, intransigente e sem arrependimentos. Também o guitarrista de jazz Georg Lukasser materializa essa crítica ao objectivar, através da sua música e em oposição a Candoris, uma forma alternativa, sensual e artística da existência¹⁰. Acresce a isto que, para Herrmann, *Abendland* e *Kaltenburg* configuram por si só uma rejeição do unilateralismo científico, pois, nas suas palavras, um e outro «halten schließlich einer defizitären, einseitig naturwissenschaftlich-rationalistischen Wissenskultur ein erneutes epistemologisches Potential fiktionaler Literatur entgegen, das sie anhand der Darstellbarkeit von Geschichte exemplifizieren»¹¹. O crítico defende que *Abendland*, pela sua forma orgânica, apresenta mesmo uma proposta para a viabilidade da narração da História e da vida¹². Tal proposta reside no facto de o romance somar às biografias contrastantes de Carl e Georg a narração autobiográfica e relacional de Sebastian, com isso criando «eine binnenfiktional motivierte Erzählstruktur, mit der Köhlmeier die Erzählweisen von Biografie, Autobiografie und Geschichtsschreibung in ein enges Verhältnis setzt»¹³. Na óptica de Herrmann, é esta estratégia que torna «das “ganze” 20. Jahrhundert erzählerisch fassbar»¹⁴ e faz da narrativa «eine dem “ganzen Menschen” zugeeignete Form von Wissen»¹⁵.

Particularmente fecundo na organicidade estrutural de *Abendland*, mostra-se um expediente criativo a que Herrmann chama «doppelt gespiegelte[] Erinnerung»¹⁶, ou seja: «die Erinnerung an den sich erinnernden Carl, gespiegelt durch die Erinnerung des von ihm selbst erschaffenen Biografen Sebastian»¹⁷. A propósito deste verdadeiro jogo de espelhos da memória e, bem assim, do complexo modo de construção do romance, o estudioso Matthias Beilein acrescenta, por sua vez:

Wie die Erinnerung selbst ist auch Abendland sprunghaft, teils assoziativ organisiert, und ein großer Teil der Spannung des Romans ergibt sich daraus, dass der Erzähler darauf verzichtet, die Geschichte sinnvoll zu arrangieren und Kohärenz zwischen allen Ereignissen zu stiften. Der Roman ist durchsetzt mit Prolepsen und Analepsen, Ereignisse werden oft nur angedeutet, um später aufgelöst zu werden, markante Lücken in der Erinnerung Candoris' füllt offenbar sein Biograph, ohne dass alles Rätselhafte in diesem Roman sinnvoll erklärt würde»¹⁸.

¹⁰ Cf. HERRMANN, 2021: 42.

¹¹ HERRMANN, 2011: 243.

¹² Cf. HERRMANN, 2021: 34.

¹³ HERRMANN, 2021: 34.

¹⁴ HERRMANN, 2011: 248; HERRMANN, 2021: 43.

¹⁵ HERRMANN, 2021: 47.

¹⁶ HERRMANN, 2011: 248.

¹⁷ HERRMANN, 2011: 248.

¹⁸ BEILEIN, 2010: 34.

Significa isto que, ao invés da biografia tradicional, *Abendland* não se caracteriza por uma narração heterodiegética, de feição totalizante, genética e teleológica. Pelo contrário, a representação da História configura-se como um exigente labirinto narrativo, fruto de um trabalho extraordinário com a categoria do tempo, a que se junta ainda uma notável técnica de poliperspectivação e uma singular diversidade de âncoras espaciais.

No âmago deste romance «über Geschichte, über die Erinnerung und über das Erzählen»¹⁹, acha-se Carl Jacob Candoris, pólo de convergência de múltiplas histórias e constelações de figuras. A sua centralidade encontra-se assinalada até do ponto de vista da situação narrativa, por ser ele a principal instância enunciadora da memória e, nessa medida, desempenhar o papel de narrador hipo- e autodiegético. Ora, não obstante o olhar crítico a que o romance sujeita o pensamento positivista e a responsabilidade da ciência no século XX, o protagonista de *Abendland* está longe de ser uma personagem negativa. Trata-se, antes, de uma figura complexa e fascinante, tanto pelas suas misérias, como pelas suas grandezas. Em Candoris, sobressai, por um lado, o raciocínio lógico e frio, a incomensurável autoconfiança, a convicção de superioridade face às imperfeições do género humano, o seu direito a ignorar normas éticas num século profundamente amoral. Ao mesmo tempo, contudo, evidenciam-se nele o cosmopolitismo, a independência de espírito, a disponibilidade para a mudança, a entrega à ciência, a paixão pelo *jazz* — e até uma forma muito humana de sublimação, baseada na certeza de que, embora lhe falte o toque do génio, sabe reconhecer a genialidade nos outros e exprimir a sua reverência através do mecenato²⁰.

Naturalmente, o efeito de sedução que esta figura multimoda exerce sobre o público não deriva apenas dos traços caracterológicos que deixa perceber. Se Candoris atrai a simpatia dos leitores, isso deve-se também ao alcance testemunhal da sua narrativa e prende-se ainda com um certo modelo de transmissão da memória na sintaxe romanesca. À luz das reflexões da estudiosa Astrid Erll sobre a retórica da memória colectiva, *i. e.*, sobre os modos de configuração da memória e as estratégias literárias que lhe estão associadas²¹, torna-se evidente que *Abendland* utiliza sobretudo o modo experiencial²². Neste paradigma memorialista, a codificação do passado — ainda recente e conhecido do público — ocorre no quadro da memória

¹⁹ BEILEIN, 2010: 36.

²⁰ É o que se passa relativamente a Georg Lukasser, mas também ao jovem prodígio da matemática Makoto Kurabashi, que Candoris descobre em Tóquio, depois do lançamento da bomba atómica em Hiroxima e Nagasáqui.

²¹ Das várias obras em que Astrid Erll desenvolve o conceito de *Rhetorik des kollektiven Gedächtnisses*, cf. por exemplo, ERLI, 2003: 145-186; 2005: 267-269.

²² Sobre o modo experiencial da retórica da memória colectiva, cf. ERLI, 2003: 151-154 e ERLI, 2005: 268. Note-se, todavia, que *Abendland* também funcionaliza o modo que Erll designa como reflexivo, pois a poliperspectivação e o acima mencionado jogo de espelhos permitem encenar uma auto-reflexão da memória cultural, ou seja, uma observação de segundo grau, distanciada e crítica.

individual-autobiográfica, acentuando a experiência de vida própria de uma época e aproximando-se do que Jan Assmann chamou *kommunikatives Gedächtnis*. Certos mecanismos retóricos, como a narração na primeira pessoa, o discurso directo — aqui reproduzido pela memória de Sebastian e por gravações em suporte magnético, à maneira dos registos da *Oral History* —, ou ainda as várias técnicas de exposição do mundo interior das figuras, sugerem vínculo ao quotidiano, especificidade da experiência e autenticidade²³. Neste contexto, não é despiciendo que a representação da microperspectiva individual, subjectiva e limitada, daquele período de três ou quatro gerações que, segundo Jan Assmann, corresponde à memória comunicativa²⁴, seja tomada pelo público como mais fiel às vicissitudes da existência real do que outras formas mais abstractas de transmissão do passado. Em *Abendland*, o modo experiencial gera, portanto, credibilidade, cria imagens da História que ecoam na memória cultural e, nessa medida, contribui decisivamente para aproximar os leitores do protagonista.

Acresce a isto que a vida de Candoris não tem nada de banal e que, ao contrário de Sebastian — desenhado como sujeito histórico eminentemente passivo²⁵ —, lhe cabe uma intervenção activa e diversificada no transcurso do século. Não me refiro apenas ao facto de ele, nesta ficção memorialista da História, «participar» nos acontecimentos históricos que narra e «conviver» com um elevado número de figuras reais, ou inspiradas em figuras reais²⁶. Refiro-me também às coordenadas em que se movimenta. Com efeito, ainda que permaneça arredado dos lugares de memória (Pierre Nora) hoje considerados centrais na História do século XX, os espaços da sua biografia constituem referências geográficas de grande importância científica e/ou simbólica para a época, ganhando a função de *cues* no processo de memória colectiva²⁷. Assim, por exemplo, encontramos-lo a acompanhar Emmy Noether, célebre matemática de Göttingen, durante o período que esta passou na União Soviética, na década de 1920; vislumbramo-lo também a servir de espião nos círculos académicos de Berlim, nos anos de 1930, e a convencer Winston Churchill, em Londres, do perigo do programa nuclear nazi; descobrimo-lo ainda em Los Alamos, a trabalhar ao lado de Robert Oppenheimer, e observamo-lo até nos Julgamentos de Nuremberga, a confrontar-se com Arthur Seiß-Inquart.

²³ Cf. ERLI, 2003: 152; 2005: 268.

²⁴ Cf. ASSMANN, 2000 [1992]: 50-51.

²⁵ Embora a figura de Sebastian esteja presente do início ao fim do romance, pois é ele o narrador intradieético que enquadra todas as outras hipodiegeses, a sua vida como sujeito actuante encontra-se sobretudo na terceira parte de *Abendland*, intitulada «Tintendunkles Amerika». A circunstância de Sebastian optar por viver nos Estados Unidos da América, e disso dar testemunho, permite ultrapassar a geografia estritamente europeia, alargando o escopo do romance — e o título — à dimensão mais geral do Ocidente.

²⁶ O romance faz referência a mais de 690 figuras históricas, segundo o levantamento realizado pelo escritor e jornalista cultural Klaus Nüchtern; cf. NÜCHTERN, 2010: 54.

²⁷ Sobre a função de *cue* que certas instâncias podem desempenhar em contextos de memória cultural, cf. ERLI, 2005: 254-255.

O crítico Matthias Beilein, que sublinha a relevância de Göttingen na primeira parte da vida de Candoris, como mítico pólo da ciência alemã até 1933, elenca ainda outros espaços em que o protagonista se move nessa fase: Nova Iorque, Moscovo, Viena e Innsbruck²⁸. Lisboa não lhe merece referência, embora o percurso biográfico de Carl Jacob Candoris também apresente algumas páginas portuguesas, antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Ora, não obstante a lateralidade de Portugal no contexto histórico da época, Carl Candoris vive no país durante vários anos. Justifica-se, então, perguntar o que faz este matemático cosmopolita em território lusitano e que papel desempenha Portugal no romance *Abendland*²⁹. Na realidade, não é apenas Carl que está ligado ao país: a mulher, Margarida, nasceu em Portugal, e mesmo Sebastian Lukasser teve uma experiência portuguesa, quando, aos 10 anos, passou algum tempo com os Candoris em Lisboa, por ocasião do semestre que Carl foi convidado a leccionar «an die gerade eröffnete Cidade Universitária» (p. 153). Para a criança, porém, Lisboa constituiu apenas um lugar de solidão e quebra da ordem anteriormente consolidada em Innsbruck (pp. 153-154). Por isso, Sebastian não gostou da cidade e pouco fala dela. Concentremo-nos, então, no casal luso-austríaco — cientes de que uma análise aspectual como a que se segue tem forçosamente de desconsiderar o intrincado jogo de estratos temporais e espaciais que caracteriza a obra.

O primeiro contacto de Carl Jacob Candoris com o pequeno país no extremo mais ocidental da Europa dá-se em meados dos anos de 1930. Nessa altura, o jovem havia terminado o doutoramento e estava indeciso quanto a uma carreira académica. O avô, de origem judaica e dono de uma empresa de produtos coloniais em Viena, a Bárany & Co., procura orientá-lo para a filial em Lisboa, acenando-lhe com a hipótese de viagens para terras exóticas: «vielleicht habe er ja Interesse, einen Handelsvertreter auf einem Schiff nach Deutsch-Südwestafrika oder nach Macau oder nach Ägypten oder nach Brasilien zu begleiten» (p. 175). Sem quaisquer problemas económicos, Carl regista das palavras do avô estes destinos longínquos e, em vez de se fixar em Lisboa, lança-se num périplo pelos quatro cantos do mundo. Falta-lhe, porém, a coragem para mudar radicalmente de vida e, por isso, em 1935, acaba por assumir a administração da Bárany & Co., na distinta e buliçosa rua do Salitre (p. 182).

O tédio, contudo, instala-se rapidamente e, pouco tempo depois, encontram-lo em Coimbra, a ocupar uma vaga de Matemática na universidade. Aí, conhece a jovem economista Margarida Durão, com quem vem a casar «in der Kirche Santa Cruz, einem Monumento Nacional» (p. 192). Regressa a Lisboa um ano mais tarde e passa a levar uma vida aparentemente muito calma, no elegante andar por cima da

²⁸ Cf. BEILEIN, 2010: 36.

²⁹ A partir de agora, as citações e as referências a trechos da obra serão identificadas no texto com a indicação das respectivas páginas, entre parêntesis. Utiliza-se a sétima edição, publicada pela casa-editora DTV, em 2015.

empresa. Embora sem filhos, torna-se a figura paterna de um núcleo familiar adequado aos modelos da época — através de duas sobrinhas de Margarida que ela acolhe quando a irmã morre —, e desfruta dos privilégios de um insuspeito empresário da alta burguesia, que é estrangeiro, mas não refugiado, e que continua ligado à ciência. Assim, quando não se encontra em viagem, Carl marca presença diária na Bárany & Co., cultivando uma imagem de patrão benevolente e algo inepto: «Carl [...] rief sein “São os empregados quem manda agora!” und war schon wieder davon» (p. 619). Além disso, dá aulas na Universidade de Lisboa e bebe «mit den Mathematikern den obligaten Fünf-Uhr-Tee» (p. 619). Aos fins-de-semana, sai com a família para a Ericeira, local de veraneio onde havia adquirido uma casa de férias e na qual, segundo investigou, «Salazar [ließ] eine Bungalowsiedlung bauen — für Flüchtlinge aus Deutschland» (p. 619). Note-se que este é o único momento em que *Abendland* alude à política do Estado Novo para os refugiados. Fá-lo sem mais comentários, mas, enquanto a elucidação de Carl pode deixar inferir uma atitude indulgente da parte de Salazar, convém não esquecer que essa política nem mesmo nessa altura era de acolhimento incondicional³⁰.

Os contactos que Carl Candoris desenvolve nas suas viagens, a partir de 1938, sob a capa dos negócios, e que lhe dão o estatuto de «eine Art Agent gegen Nazi-deutschland» (p. 623), permanecem desconhecidos dos alemães — e, já agora, também dos portugueses. Quando, em 1939, se muda um tempo para Berlim, para poder avaliar mais de perto, a pedido dos serviços secretos britânicos, os avanços da ciência alemã no campo das armas, Carl continua a indicar Lisboa como local de residência, para não levantar suspeitas nas autoridades nazis. Depois do eclodir da guerra, chega a voar duas vezes por mês entre Berlim e Lisboa, mas tais deslocções também não causam estranheza: «Portugal war neutral, und die Beamten am Flughafen kannten ihn bereits, für sie war er ein ostmärkischer Kaufmann mit reichsdeutschem Paß, der in Lissabon lebte und den Deutschen gute Dinge aus aller Herren Länder brachte» (p. 635). Significa isto que Lisboa não é apenas a cidade em que se desenrola pacatamente a existência de Carl Jacob Candoris: para ele, como para tantos outros espões neste período, a capital portuguesa assume ainda a função de estratégia muito eficaz de camuflagem.

Depois da guerra, Carl vende a empresa e, não obstante regressar ao andar na rua do Salitre em todas as férias, só em 1960 volta a passar uma temporada mais longa em Lisboa, graças a novo convite para dar aulas na universidade, como atrás se mencionou. O semestre lectivo em causa, a que ainda voltarei, constitui

³⁰ Na verdade, Salazar não mandou construir um aldeamento para os fugitivos na Ericeira, tendo aproveitado para o efeito as estruturas balneares e termais desta e de outras localidades portuguesas, designadas «Áreas de residência fixa». Sobre os refugiados em Portugal e as mudanças da política de Salazar neste domínio, veja-se a abundante obra que a historiadora Irene Flunser Pimentel tem dedicado ao assunto; por exemplo: PIMENTEL, 2006.

um momento diegético de grande importância e é alvo de singular poliperspectivação na narrativa. Todavia, sobre a especificidade dos anos de 1960 na história de Portugal não se encontra qualquer esclarecimento no romance, ao contrário do que acontece em relação ao decénio de 1930. Como tenho vindo a referir, no tocante à primeira fase da vida de Carl em Lisboa, o texto consegue desenhar traços importantes da cidade e do país, expondo-os em poucos parágrafos e, além do mais, com a credibilização do recurso à língua portuguesa. As alusões podem até nem ser totalmente exactas³¹, mas logram evocar o lugar tradicional de Lisboa no imaginário europeu, como porta marítima para a aventura e como entreposto comercial de relevo, e deixam também subentendida a realidade colonial do país, a ligação cultural à Inglaterra, a ditadura salazarista e a política portuguesa para os refugiados até aos primeiros anos da década de 1940.

Tais informações não são, porém, as primeiras que o romance faculta sobre Portugal. Na complexa tessitura de tempos narrativos que distingue a obra, Sebastian já antes encetara a história de Margarida, a mulher de Carl Jacob Candoris, nascida em 1916, em Coimbra, e falecida em 1982, em Lans, perto de Innsbruck. Ressalve-se que o percurso biográfico de Margarida, à semelhança de outras figuras de *Abendland*, vai sendo desvelado ao longo do texto, em constantes analepses e prolepses, e conjugando observações de várias personagens. O que se relata nesta ocasião inicial, e se revela particularmente interessante para a caracterização de Portugal, são os dados da sua história prévia, fornecidos por Margarida a Sebastian, numa conversa no final dos anos de 1970.

Sebastian, citando e resumindo as afirmações de Margarida, a que junta comentários de sua autoria, começa por explicar que ela era a mais nova de cinco filhos do magnata da imprensa Joaquim Armando Durão — «ein “lusitanischer Citizen Kane”, wie Carl sagte» (p. 169). Quando conheceu Carl, numa tertúlia em casa do pai, em Coimbra, tinha 20 anos, estudava Economia e namorava um colega mais velho, Daniel Guerreiro Jacinto, de uma família tão abastada como a dela. Porém, enquanto Daniel, mau aluno e sem ambição, teria de terminar o curso em Lisboa, deixando para trás a Lusa Atenas e a característica «Capa e batina» (p. 171), Margarida tornar-se-ia, com distinção, a primeira mulher licenciada em Economia por Coimbra. Órfã de mãe ainda muito nova, a jovem fora educada por seu pai para se tornar como ele, o que, nas suas próprias palavras, constituía um gesto de rebeldia num país e num tempo em que as mulheres estavam longe de ocupar um lugar semelhante ao dos homens (p. 168).

³¹ Para além da alegada construção de habitações para os alemães fugidos a Hitler, tome-se ainda o exemplo do referido «obligate[r] Fünf-Uhr-Tee» entre académicos, que não é habitual na realidade portuguesa e deverá ser entendido *cum grano salis*, como sinal da influência exercida no país pela cultura inglesa e também como indicio de alguma afectação elitista da universidade lusa.

A descrição que o romance faz do percurso político de Joaquim Armando Durão confirma-o como uma figura atípica na sua época e consiste, simultaneamente, numa pequena lição de história de Portugal para estrangeiros (pp. 169-170). Assim, no início do século, o pai de Margarida passara de monárquico liberal a republicano, em reacção à ditadura de João Franco, mas a instabilidade e a incapacidade da República para resolver os problemas do país haviam-no decepcionado. Tendo trocado Coimbra por Lisboa, converter-se-ia num católico fervoroso com o chamado milagre de Fátima — fenómeno que, segundo o texto, fora apropriado pelos sectores anti-republicanos como sinal de desaprovação dos céus pelo rumo do país. De regresso a Coimbra, tornar-se-ia politicamente menos activo, embora recebesse Salazar na sua magnífica casa da Rua Ferreira Borges e continuasse a financiar a faculdade em que este leccionava.

A inclusão de Salazar no romance permite enquadrar historicamente o surgimento e a consolidação do Estado Novo em Portugal. Todavia, convém lembrar que a referência ao ditador português se faz misturando dados históricos — mais uma vez, tratados de forma algo livre — com as lembranças pessoais de Margarida. Ora, este procedimento serve tanto para reforçar a verosimilhança das informações, como para operar, face à historiografia, o descentramento da «grande» História por meio da História vivida. Margarida conheceu Salazar muito antes de ele se tornar a figura central do Estado Novo. Por isso, através das suas recordações de juventude, resumidas e completadas por Sebastian, o que os leitores ficam a conhecer não é ainda o estadista, mas o professor de Economia que frequentava a casa de Joaquim Armando Durão:

Der Mann war wortkarg, unfrohlich, bescheiden, und er hatte keinen Blick für ein Schulkind, wie aufgeweckt es auch immer sein mochte, zumal es sich um ein Mädchen handelte. Meist kam er in Begleitung von Studenten und Angehörigen des akademischen Mittelbaus, die ihm samt und sonders in Bewunderung ergeben waren, einige schienen ihn wie einen Propheten zu verehren. Zu ihrem siebten Geburtstag schenkte er Margarida eine Halskette mit einem goldenen Kreuz, das Lucia de Jesus, die älteste der drei Fatimakinder, geküßt und gesegnet hatte. (p. 170)

Aos traços de carácter de um misantropo e à aura de economista-prodígio, idolatrado por um séquito de estatuto socioacadémico médio, junta-se a ligação ao catolicismo, numa caracterização convergente com as informações que a historiografia nos fornece sobre a figura. Quanto ao detalhe ficcional de Salazar ter oferecido a Margarida um fio com uma cruz de ouro, que a Irmã Lúcia havia benzido e beijado, constitui uma estratégia eficaz de intensificação. Serve, a meu ver, não só para acentuar a dimensão privada da «pequena» História, como também para realçar

o lado conservador e supersticioso da religiosidade de Salazar, enquanto permite evocar a ascendência da Igreja nos usos e costumes da sociedade portuguesa da época.

Porém, a descrição da figura e do seu contexto não se fica por aqui. Após esta apresentação muito pessoal, seguem-se ainda algumas linhas, que sumarizam os elementos relevantes do conhecimento histórico-político. Menciona-se aí o golpe militar na década de 1920, a queda da Primeira República e a conseqüente ascensão política do professor de Coimbra, que passa de ministro da Economia e das Finanças a «Staatspräsident und schließlich Diktator» (p. 170). Com grande maestria narrativa, a curiosidade que o romance vai alimentando sobre a personagem — pelo menos entre os leitores pouco versados na história de Portugal — culmina, finalmente, na sua identificação e num comentário lapidar: «Sein Name: António de Oliveira Salazar. Er blieb an der Macht sechsunddreißig Jahre lang» (p. 170).

Posteriormente, quando for referida no texto a morte do pai de Margarida, ficar-se-á a saber algo mais sobre a ditadura portuguesa e as circunstâncias da sua consolidação. Joaquim Armando Durão acabaria por distanciar-se do Estado Novo; contudo, no clima de censura e perseguição que caracterizava o regime, só falava disso com a filha, protestando em surdina contra «die Übergriffe der *Polícia de Vigilância e Defesa do Estado*, dieser allerorts lauernenden politischen Polizei, die inzwischen auf sämtliche Organe des Staates, einschließlich der Streitkräfte, Einfluß ausübte» (p. 193). A própria Margarida, em Lisboa, virá a aproximar-se de um grupo de resistência e a colocar estrategicamente panfletos na praça do Comércio com uma única palavra: Tarrafal. O romance explica: «Das war der Name des Lagers auf einer der Kapverden-Inseln, wohin die Feinde des Staates gebracht wurden» (p. 194).

Todavia, voltemos a Margarida ainda nos seus tempos de estudante. Pela educação que recebeu e pelo curso pouco comum em que se licenciou, Margarida configura uma jovem à frente do seu tempo. A cidade de Coimbra, esboçada no romance numa ambivalente situação de pólo de conhecimento e de urbe elitista e conservadora, duplamente periférica face à Europa, não lhe oferece condições de afirmação pessoal. A insatisfação que Margarida sente com a falta de oportunidades leva-a até a preparar a fuga para Paris — signo, por si só, de cultura e de emancipação —, mas, no momento crucial, recua, vencida (p. 172). Tal desistência favorece a relação com Carl, ele também já derrotado pela renúncia a um projecto ousado de vida, em prol do percurso estável e previsível de grande homem de negócios com ligações à ciência. Como diz Carl a Sebastian, mais tarde, o que uniu o casal terá sido precisamente essa experiência comum de desilusão e resignação: «Unsere Beziehung versprach nicht eine neue Chance, aber einen erträglichen Umgang mit der Niederlage» (p. 182).

O desencanto, porém, não impede Margarida de desafiar as normas da alta burguesia a que pertence. Assim, a jovem não apenas decide acabar o noivado com

Daniel³², como escolhe igualmente fazer amor com ele antes do casamento com Carl. Trata-se de uma situação que Margarida, na conversa com Sebastian, designa como «[d]en “großen falschen Schritt”» (p. 191) e que influenciará toda a sua existência, pois a relação irá manter-se durante o casamento (pp. 193-196). No período em que a guerra afasta Carl do país, Margarida chega a viver quatro anos com o ex-noivo (p. 686) e, mesmo depois de se mudar para a Áustria, será Margarida a procurar Daniel, por mais de duas décadas. De todas as vezes, conta ao marido a aventura extraconjugal, recusando sempre a ideia de divórcio. O último encontro acontece em 1960, no decurso do semestre lectivo de Carl em Lisboa, mas «o passo em falso» só se resolve verdadeiramente com a morte do economista português, que a própria mulher de Daniel lhes comunica (p. 196).

Carl, na última noite de conversa com Sebastian, confessa não entender o que levava Margarida a agir daquela forma e procura encontrar justificações. No plano de comunicação externa da obra, antecipa-se, deste modo, uma possível reacção de estranheza por parte do leitor, pois nada no romance demonstra falta de afecto na relação entre as duas figuras: a decisão de casar pode não ter sido ditada pela paixão, mas a vida em comum cimentou o amor entre ambos.

Na verdade, a relação transgressiva com Daniel constitui apenas uma das várias incongruências que dão densidade à figura de Margarida. A caracterização directa feita por Sebastian salienta a sua personalidade desconcertante, apresentando-a quer como «zuwendungsbereit, redelustig, unsentimental, herzenswarm und manchmal ein bißchen ordinär» (p. 144), quer como criatura que vive no presente, sem pensamento abstracto e escolhas racionais, mas com a capacidade de «abrupt eine nahezu transzendente Wärme auszustrahlen, Weltliebe, Gottesliebe» (p. 704). Este amor transcendental reflecte-se na imagem dominante que se tece da personagem, como a de alguém extremamente sensível, instintiva e maternal, que rodeou de carinho todos os que com ela se cruzaram. São características tradicionalmente associadas ao elemento feminino, mas tal não significa que estejamos perante uma figura estereotipada. Pelo contrário, existem abismos profundos nesta mulher madura, de traços fisionómicos dissonantes e masculinos (pp. 53, 143), questões não resolvidas, que afloram, por exemplo, na sua dependência do álcool e do tabaco (pp. 52-53, 189-190), ou na ligação erótica que poderá ter tido com o pai de Sebastian, Georg Lukasser (pp. 52, 54, 231-232).

Certo é que Carl sente o *affaire* como uma ameaça à racionalidade e estabilidade da sua existência. O passo em que fala do caso a Sebastian consubstancia a estratégia narrativa de poliperspectivação e permite transmitir ao leitor, quanto a esta parte da vida de Margarida, dados que ela mesma ignorava. Assim, ao invés do que Margarida

³² Saber-se-á depois que o pai de Margarida pagou à família do noivo «eine Entschädigung» (p. 192), o que, tal como a já mencionada referência a um «obligaten Fünf-Uhr-Tee» (p. 619), não é comum na cultura portuguesa.

dissera a Sebastian (p. 194), Carl conhecia Daniel, tinha-o até observado sistematicamente em quase todas as visitas a Portugal. Mas Daniel Guerreiro Jacinto, «[der schöne] Mann mit dem schönen Namen» (p. 684), era extraordinariamente desinteressante: «ein Kinderschwimmbecken, angefüllt mit klarem, kaltem Wasser. Was gibt es darin zu sehen?» (p. 685), comenta Carl. Note-se que a outra fonte de informações de que o leitor dispõe sobre a figura, *i. e.*, a própria Margarida, confirma esta interpretação. Na sua juventude, Daniel era já muito atraente, pálido e sério, mas, segundo Margarida, também banal e monótono: «Er stand auf null. [...] Er war ein Wunder an fehlendem Ehrgeiz. [...] Daniel war kein spannender Mensch [...]. Er war nett, traurig, dumm. Ich liebte ihn, weil er traurig war» (p. 171). E, todavia, Margarida nunca conseguiu desligar-se dessa normalidade inconspícua e triste.

Carl, que tenta racionalizar a actuação da mulher imputando-a à situação de excepção do relacionamento e não ao carácter de Daniel, acaba por reconhecer que se enganara (p. 687). De facto, Daniel Guerreiro Jacinto afasta-se das características habitualmente alinhadas com o elemento masculino, como ambição, autoconfiança e acção, e mostra-se melancólico e reservado, concretizando atributos que, de resto, o imaginário europeu tende a associar aos portugueses. Isto faz com que a sua função no romance seja — à semelhança de Georg Lukasser — a de ocupar o espaço inverso ao temperamento enérgico, seguro de si e até presunçoso de Carl. Na constelação de figuras, Daniel materializa a alternativa e, nessa medida, ajuda igualmente a sublinhar a própria condição da personagem feminina, que, mais do que se colocar em oposição a Carl, se move entre as duas esferas. É certo que Margarida exprime, na obra, a dimensão instintiva, arrebatada, empática, carinhosa e também, em última análise, intrinsecamente frágil da criatura humana, diferindo em quase tudo de Carl Jacob Candoris. Todavia, Margarida mantém até à morte o casamento com Carl, e se o universo do irracional que ela representa, não explicável e não apropriável através da lógica, contrasta com o frio racionalismo do marido, ao mesmo tempo consegue equilibrá-lo dialecticamente. Face a este efeito humanizador, e salvaguardadas as devidas distâncias, podemos, então, dizer que Margarida se configura, no romance, como uma nova Gretchen deste novo Fausto moderno.

Não por acaso, é a consciência de que esse equilíbrio está em risco que leva Carl a agir de forma drástica: após vinte e cinco anos de casamento, no já mencionado semestral lectivo em Lisboa, Carl manda matar o rival (pp. 690-701). Como seria de esperar, a decisão implica nele um planeamento aturado, mas a hipótese do delito constitui uma invulgar cedência à emoção, coisa que ele próprio reconhece e de que se distancia, com humor, quando enumera a Sebastian os expedientes de que se serviu. Conquanto o crime não chegue a concretizar-se — porque, no último instante, Carl se rende à influência da presença inocente do pequeno Sebastian —, tratou-se de uma situação decisiva: «Ich war an die Peripetie meines Dramas angelangt» (p. 693), comenta ele.

Nessa época em que os Candoris vivem pela última vez na cidade, o romance volta a apresentá-la com uma dupla face. Por um lado, do ponto de vista da configuração física, Lisboa delinea-se apenas como pano de fundo. As referências identificadoras, transmitidas ainda na parte inicial do romance e a partir das recordações da criança que era Sebastian, resumem-se a sinais comuns e até algo estereotipados da capital: o Tejo, o Elevador de Santa Justa, as histórias «von den unendlich traurigen Fadosängerinnen aus Lissabon» (p. 155), ou as memórias que o rapazinho guarda de comer «den berühmten portugiesischen Kuchen» a caminho de Belém (p. 157)³³. Nesta parte final da narrativa, sabemos tão-somente ter sido à beira do rio e perto da Torre de Belém que Carl se encontrou com os intermediários do seu macabro plano. Todavia, se a capital portuguesa surge, sobretudo, como cenário, por outro lado, não deixa de ser igualmente o lugar psicológico da crise e das forças do irracional. *i. e.*, o signo da perturbação que se esconde sob o racionalismo e a impassibilidade de Carl. Aliás, também para Margarida a cidade representa, de novo, o local de transgressão, pois não resiste a encontrar-se com Daniel e, pressentindo a ruptura no seu casamento, acaba por pedir a Carl que cortem definitivamente os laços a Portugal. Com as suas duas dimensões, Lisboa revela-se, mais uma vez, um palco fundamental da existência dos protagonistas.

Assim, neste romance, que, parafraseando as palavras de Matthias Beilein acima citadas, é sobre história do século XX, sobre a memória e sobre o acto de narrar, mas também, acrescento eu, sobre as diversas formas que o amor pode assumir, a importância das figuras e dos lugares do espaço português contraria a desatenção a que este estudioso vota o papel de Portugal. Que conclusões há a retirar, então, sobre as páginas portuguesas de *Abendland*?

Creio poder afirmar, antes de mais, que o escritor Michael Köhlmeier demonstra um razoável conhecimento do contexto português na primeira metade do século XX — não apenas da singularidade física e metafórica das duas cidades evocadas (Lisboa e Coimbra), mas igualmente da história do salazarismo e da condição da mulher lusa nesse período. Por alguns pormenores, de natureza geográfica e sociocultural, arrisco até defender que o autor conhece *in loco* os espaços de que fala. O mesmo se diga quanto ao uso da língua: as expressões portuguesas com que pontua o romance são aplicadas com acribia³⁴ e, além de assegurarem verosimilhança e colorido local, dão testemunho de um contacto muito próximo com o idioma.

³³ Embora também se fique a saber, pela voz de Carl, que Sebastian não gostava de doces e que o seu prato favorito de cozinha portuguesa era «Caldeira[da] de carne» (p. 700).

³⁴ A acrescentar às palavras e frases em português que fui já reproduzindo, atente-se, também, no uso de um idiomatismo como «*Falou e disse!*» (p. 223, *italico no original*), utilizado por Carl para reconhecer a validade de um comentário que Margarida certamente faria sobre a família dele se, após a morte, todos viessem a encontrar-se no céu.

Todavia, mais relevante do que saber se Köhlmeier esteve em território português durante a preparação do romance, interessa voltar à questão do papel que esta região do Ocidente desempenha na narrativa. A meu ver, Portugal adquire uma componente simbólica, e a escolha do país prende-se com a sua dimensão periférica e com a técnica de descentramento que caracteriza *Abendland*.

No romance, Portugal é desenhado a traço grosso, como país calmo, católico e conservador, que tem vínculos europeus e coloniais e que permanece arredado da Segunda Guerra Mundial, mas cujo caminho, desde a viragem do século, conduziu ao salazarismo. Neste pequeno rectângulo luso, Carl Candoris pode conciliar as diferentes actividades de matemático, chefe de família e homem de negócios, e ainda realizar as suas viagens, mesmo aquelas de objectivos secretos, sem levantar qualquer suspeita. Afinal, o obscuro país no extremo ocidental do continente não tem grande peso na política europeia de meados do século XX. Além disso, se o período dos anos de 1920 a 1940 é mais aprofundado no romance, o semestre que os Candoris passam em Lisboa com Sebastian, no início dos anos de 1960 — embora reduzindo a carga simbólica da cidade à dimensão estritamente privada —, reforça a importância psicológica dessa localização portuguesa na diegese, como lugar-limite de fractura na vida das principais figuras. A escolha deste país periférico surge, pois, como condição *sine qua non* para o desenvolvimento da acção, quer credibilizando a construção das personagens, quer escorando a resolução narrativa de tratar não a «grande» História, mas a História vivida — e experienciada a partir das margens.

Simultaneamente, em virtude do seu afastamento, Portugal desempenha um papel de complementaridade no universo diegético da obra. Por um lado, o país que o romance ficcionaliza é o da ditadura de Salazar, uma variante do curso político totalitarista que marcava a Europa da época. Desconhecida para muitos dos leitores e sem a virulência trágica do nacional-socialismo na Alemanha, a história portuguesa desse período permite a *Abendland* expor o fascismo como fenómeno transnacional e evocar, metonimicamente, as convulsões europeias de meados do século XX. Por outro lado, mobilizando, em certa medida, o lugar-comum da diferença de temperamento entre o Norte e o Sul, o romance concretiza Portugal como espaço do irracional e da melancolia, através das figuras de Margarida e Daniel Guerreiro Jacinto. Daniel tem um papel muito secundário e importa no romance sobretudo como terceiro vértice do triângulo amoroso, mas Margarida exprime uma dimensão do humano que se afasta do carácter racionalista e positivista do matemático Candoris. O seu lugar no romance vai, então, além do mero facto de Margarida ser a mulher de Carl — e, para o leitor, fonte de informações sobre Portugal. Em última análise, embora completando dialecticamente a personalidade e a actuação de Carl Jacob Candoris, a sua diferença corrobora a posição que o estudioso Leonhard Herrmann

já assinalava como pilar ideológico de *Abendland*: a crítica ao espírito exclusivamente lógico-dedutivo da tecnociência fáustica, que o romance tanto responsabiliza pelas catástrofes do século passado.

Em suma, a partir da periferia, as páginas portuguesas de *Abendland* não só conjuram, por afinidade e/ou contraste, os regimes autocráticos que dominaram o continente, mas sinalizam ainda o reconhecimento do irracional, da contradição e da imperfeição como elementos essenciais do ser humano. Portugal funciona na obra como pólo descentrado de perspetivação e ganha dimensão simbólica, no plano histórico e no plano existencial, configurando-se, assim, como uma das mais importantes âncoras espaciais de *Abendland*.

BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, Jan (2000 [1992]). *Das kulturelle Gedächtnis*. München: Beck.
- AUST, Hugo (1994). *Der historische Roman*. Stuttgart, Weimar: Metzler.
- BEILEIN, Matthias (2010). *Die Maßstäbe der Erinnerung*. In LÄNGLE, Ulrike; THALER, Jürgen, eds., *Michael Köhlmeiers „Abendland“. Fünf Studien*. Innsbruck u.a.: StudienVerlag, pp. 27-39.
- DIETRICH, Ronald (2003). *Der Gelehrte in der Literatur. Literarische Perspektiven zur Ausdifferenzierung des Wissenschaftssystems*. Würzburg: Königshausen und Neumann.
- ERLL, Astrid (2003). *Gedächtnisromane. Literatur über den Ersten Weltkrieg als Medium englischer und deutscher Erinnerungskulturen in den 1920er Jahren*. Trier: WVT.
- ERLL, Astrid (2005). *Literatur als Medium des kollektiven Gedächtnisses*. In ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar, eds., *Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft. Theoretische Grundlegung und Anwendungsperspektiven*. Berlin, New York: de Gruyter, pp. 249-276.
- GALLI, Matteo; COSTAGLI, Simone, ed. (2010). *Deutsche Familienromane. Literarische Genealogien und internationaler Kontext*. München: Fink.
- HERRMANN, Leonhard (2011). *Kulturge schichten des Wissens. Das ganze 20. Jahrhundert im Rückblick — fiktive Gelehrtenbiografien von Michael Köhlmeier und Marcel Beyer*. «KulturPoetik». 11:1, 240-257.
- HERRMANN, Leonhard (2021). *Vom Leben erzählen. Selbstreflexion, Geschichtlichkeit und die Idee des „Abendlands“ bei Michael Köhlmeier*. In KETTERL, Simone, MARX, Friedhelm, MEURER, Jonas, eds., *Mythos — Geschichte — Gegenwart. Beiträge zum Werk Michael Köhlmeiers*. Würzburg: Königshausen & Neumann, pp. 33-47.
- HUTCHEON, Linda (1988). *A Poetics of Postmodernism. History, Theory, Fiction*. New York: Routledge.
- KÖHLMEIER, Michael (2015 [2007]). *Abendland. Roman*. München: DTV.
- NADJ, Julijana (2006). *Die fiktionale Metabiographie. Gattungsgedächtnis und Gattungskritik in einem neuen Genre der englischsprachigen Erzählliteratur*. Trier: WVT.
- NÜCHTERN, Klaus (2010). *Die Schrammeln, der Jazz und die Neue Musik. Über Musikalisches in „Abendland“*. In LÄNGLE, Ulrike; THALER, Jürgen, eds., *Michael Köhlmeiers „Abendland“. Fünf Studien*. Innsbruck u.a.: StudienVerlag, pp. 53-66.
- NÜNNING, Ansgar (1995). *Von historischer Fiktion zu historiographischer Metafiktion. Bd. 1: Theorie, Typologie und Poetik des historischen Romans*. Trier: WVT.
- NÜNNING, Ansgar (2000). *Von der fiktionalen Biographie zur biographischen Metafiktion. Prolegomena zu einer Theorie, Typologie und Funktionsgeschichte eines hybriden Genres*. In Von ZIMMERMANN, Christian, ed. *Fakten und Fiktionen. Strategien fiktionalbiographischer Dichterdarstellungen in Roman, Drama und Film seit 1970*. Tübingen: Narr, pp. 15-36.

- NÜNNING, Ansgar (2002). *Von der fiktionalisierten Historie zur metahistoriographischen Fiktion. Bausteine für eine narratologische und funktionsgeschichtliche Theorie, Typologie und Geschichte des postmodernen historischen Romans*. In FULDA, Daniel; TSCHOPP, Silvia Serena, ed., *Literatur und Geschichte. Ein Kompendium zu ihrem Verhältnis von der Aufklärung bis zur Gegenwart*. Berlin: De Gruyter, pp. 541-569.
- PIMENTEL, Irene Flunser (2006). *Judeus em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial. Em Fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros.